



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Tebas de Mil Portas

AUTOR

Jorge Palinhos

ANO

2014

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Jorge Palinhos

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Julho 2015
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Tebas de Mil Portas

AUTOR

Jorge Palinhos

ANO

2014

2015 Coimbra



Jorge Palinhos

1977. Formou-se em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras do Porto, em 2000 e é mestre em Terminologia e Tradução também pela Faculdade de Letras, com uma tese sobre Estudos de Texto. Foi revisor de textos, tradutor, coordenador editorial e colaborador de várias publicações. Tem escrito e trabalhado em teatro desde 2003, tendo várias das suas peças sido apresentadas e premiadas nacional e internacionalmente. Foi co-fundador da companhia Terra na Boca, onde coordenou os projetos *Ar das Palavras* e *Teatro Imediato*. Teve formação em dramaturgia com Guillermo Heras, Hans-Thiers Lehmann, Jean-Pierre Sarrazac, Mick Gordon, Michael Bradford, Andrea Thome, Jose Sanchis Sinisterra, Neil LaBute, Raimondo Cortese e Thomas Bakk, Linda Seger, Goran Radovanovic, Ahmed Boulane, Paulo Filipe Monteiro e Vergílio de Almeida. É editor da revista Drama, da Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos, colaborador da revista da Revista Nua e membro da comissão científica da revista Persona. Tem também colaborado com as publicações Sinais de Cena, Bang, P3, Grande Porto e Porto24. É ainda autor de guiões de curtas-metragens e de contos publicados em revistas e antologias. Atualmente é membro da direção da Plateia e está a desenvolver uma tese sobre dramaturgia contemporânea com bolsa da FCT.

VOZES:

Voz

Voz dela

Voz dele

Voz de outro

As palavras gastam-se, o dinheiro acaba-se, as coisas quebram-se, as pessoas partem, os amores extinguem-se, as forças esgotam-se, os momentos perdem-se, os sonhos esfumam-se, as ideias esquecem-se, as modas passam, os prazos terminam, as crenças falham, a família morre, as portas fecham-se, os sapatos rompem-se, o corpo cansa-se, as mãos tremem, a vista escurece, as mágoas vão-se, as saudades ficam, as conversas calam-se, as esperanças esmorecem, os ecos apagam-se, as histórias repetem-se, os devedores escapam, os trabalhos cansam, a espinha dobra-se, o tédio mói, mas a memória... a memória é interminável.

Era assim, se bem me lembro, que dizia o meu pai. Lembro-me muitas vezes dele. Lembro-me de ele explicar o sentido da música que mais amava. Uma música que eu nunca consegui amar. Mas podemos amar alguém mesmo que não amemos as mesmas músicas ou as mesmas histórias ou as mesmas pessoas.

(– Não é verdade, diz ela, só amaste em mim os meus passos hesitantes; e eu não a oiço.)

O meu pai dizia que o único orgulho da vida era trabalhar: trabalhar bem. Mas eu, que já sou tão velho quanto ele, sei que ele estava errado. O único orgulho na vida é morrer bem.

(– Sempre o soubeste, diz ela, sempre o quiseste. A tua vida, acusa ela, gastaste-a a armazenar palha para a tua última cama. Felizmente eu não a oiço.)

(– Depressa, diz ele, depressa.)

Tive amigos que queriam morrer depressa, como se a morte fosse o primeiro pão duro depois de atravessarem o deserto. Outros queriam morrer sufocados pela emoção, para se sentirem mais vivos na morte do que na vida. Alguns queriam morrer embalados pela família. Mas sempre achei falta de pudor fazer da nossa morte barraca de feira, lição ou pedestal.

Morro rodeado de coisas. As minhas coisas. Que fui puxando para mim ao longo da vida, e que provam, para além de qualquer dúvida, que vivi.

As pessoas morrem, as coisas passam, as memórias perdem-se, as luzes apagam-se, as faces enrugam-se, as costas dobram-se, os sentimentos extinguem-se, mas as coisas... As coisas são ancoradouros.

(– Porque travam, diz ela, porque prendem. Mas foi por causa disso, minha querida, que só guardei o retrato mais pequeno que tinha de ti.)

(– Está aí alguém?, pergunta ele, está aí alguém?)

(– Feliz-ozimandias-mente, diz outro.)

Podia contar as histórias de cada uma destas coisas. De cada uma. Mas já não me lembro das histórias. Teria de as inventar. Que importa que a história seja inventada, se posso provar que foi verdadeira?

(– Deixa-me contar a história verdadeira desta moldura, diz ela. Foi a moldura que fizeste com as tuas próprias mãos para guardar o retrato que te fez o teu melhor amigo. Era um retrato a carvão, negro como tu, mas por entre as linhas e as feições grosseiras passava a luz do amor que o teu amigo te tinha. E tu, para mostrar que também o amavas, fizeste a moldura com as tuas próprias mãos. Guardaste as ripas de madeira da tua oficina, serraste-as, limaste-as, pintaste-as com o azul mais brilhante que guardavas e depois pregaste as ripas num retângulo perfeito onde coubesse o retrato que o teu amigo te fez.

E depois, nunca puseste aqui o retrato do teu amigo. Era uma moldura demasiado bela e preciosa para um retrato a carvão. Na moldura ficaria melhor uma paisagem de areias a olhar os barcos ou de crianças a jogar à força. Mas também não puseste aqui areias ou forcas. Seria uma traição ao amor do teu amigo. E tu nunca atraíste os amigos. Esta é a história verdadeira, concluiu ela. Mas eu não a ouvi, não a vi, não sei se é verdadeira ou não.)

(– Apetecia-me nêspas, queixa-se ele; nêspas e romãs, uvas e morangos. Porque é que há tempos diferentes para frutas diferentes, pergunta ele.)

(– Tex-rostos-tura, diz outro.)

Mas às vezes não oiço o que digo. Não oiço o que digo.

Esta foi a trave da porta de entrada da minha segunda oficina. Esta, o banco onde me sentei à espera de clientes. Este, um móvel da minha primeira casa. Esta, a mesa dobrável que levava quando partia em viagem com a minha terceira família. Estas, as vigas que sustentavam a arrecadação da primeira casa da minha segunda família. E tudo isto quase poderia ser verdadeiro. E nesta cadeira, eu podia ter-me sentado à espera da gravidez da minha primeira mulher. Podia ter ficado aqui, podia ter fumado aqui.

(– Nunca fumaste, diz ela.)

A roer as unhas.

(– Ai, grita ele.)

(– Enfor-retroalimentação-car, diz outro.)

A contar cada minuto do meu relógio, à espera de saber. Se era rapaz, se era rapariga, se estava vivo, se estava viva? Quanto pesava, quantos membros tinha, de que cor eram os olhos, de que textura o cabelo? E quando vinha a parteira levantava-me, sempre à espera de más notícias. Sempre a rezar que não chegassem.

(– Nunca chegaram, diz ela. A tua primeira mulher nunca teve filhos, acrescenta ela. E tu nem sequer tiveste segunda mulher, insiste ela. Mas eu não a oiço. Eu encolhi-a para não a ouvir. Estendo a mão e tapo-a da minha vida. E os meus ouvidos tapam a voz dela da minha vida.)

(– Nunca amaste, diz ela. Nunca me amaram, respondo eu. Porque te amariam se tu não te amas, protesta ela. Mentira, penso eu, sempre amei a minha infelicidade.)

(– Percebes, diz ele. Estás a acompanhar, inquieta-se ele.)

Os filhos partem, os pais morrem, os irmãos separam-se, os amantes zangam-se, as casas desfazem-se, os vizinhos mudam-se, as famílias perdem-se, os laços rompem-se, os nomes esquecem-se, as caras confundem-se. Ficam os bancos. Ficam as cadeiras. Ficam as traves. Ficam as molduras. Ficam as... Não, as fotografias não ficam, as fotografias não ficam.

(– Pre-rotundas-gos, diz outro.)

O dia mais feliz da minha vida está nesta cicatriz. Estava a pregar duas tábuas, com o martelo a puxar a pele dos dedos como de costume, até a arrancar. E acabei de arrancar a pele pelo rebordo até ver a carne viva. E decidir pregar a minha própria mão. Foi entre o mindinho e o anelar que pus a ponta do prego, para ser mais fácil segurá-lo com os outros dedos, e comecei a martelar. Sentia a força do ar e o peso do martelo na minha própria carne enquanto a ponta furava a pele e fendia o músculo. E não sentia nada. Martelei mais um pouco até a cabeça do martelo se começar a aproximar da palma da mão e o prego ser só um espigão de metal aureolado de sangue que unia a mão à tábua. Então quis voltar a arrancar o prego. E virei o martelo ao contrário e puxei o prego da minha mão e um elo de dor atirou-me ao chão enquanto gotejava vermelho e negro da minha carne. Ainda hoje a cicatriz pulsa e faz-me sentir vivo e feliz.

Sempre achei o suicídio uma forma de humildade. Uma forma de saber que toda a gente é substituível. Foi por isso que guardei esta corda. Para me lembrar do momento em que achei que me podia enforcar com ela.

(– Eu lembro-me, diz ela. Mas eu não acredito nela. Eu não acredito nas lembranças dela. Comparei-as uma vez com as minhas, e estavam todas erradas.)

Eu nunca me quis enforcar. A corda só servia para amarrar as caixas de bonecos bailarinos que eu vendia de feira em feira.

(– Também me lembro disso, diz ela.

– Cala-te, respondo eu. As minhas memórias têm provas. Têm objetos. O que é que tu tens para mostrar? Nem a ti te tens para mostrar. O que é que acontece se eu não tiver nenhuma lembrança tua? Fica calada, ela.)

(– Quanto é, pergunta ele. Só queria saber quanto tenho de pagar, angustia-se ele.)

Eu tinha carrocéis. Levava-os de camioneta para cada uma das feiras. A feira do 22, a feira do 15, a feira do 18, a feira do 6, a feira do 31, a feira do 2, a feira do 13, a feira do 28, a feira de Santo António, a feira de São João, a feira de Santa Luzia, a feira de Santa Maria, a feira de São Torcato, a feira de São Teotónio. Lembro-me das datas e dos santos, mas para mim eram todas a mesma feira. Chegava de camioneta e passava o dia a montar carrocéis. Tinha um carrocel suspenso para adultos, onde podiam baloiçar de olhos abertos e bocas abertas. Tinha o carrocel dos aviões, que subiam e desciam, subiam e desciam. Tinha o carrocel dos cisnes, onde as crianças andavam devagar, de olhos abertos e boca fechada. E sabia sempre para onde ia cada trave e cada viga. Pus-lhes números para saber montar os carrocéis quando chegava, e saber desmontá-los quando partia.

(– E quantos é que morreram, pergunta ela.)

Nunca morreu ninguém.

(– Vou-me embora, diz ele. Estou farto.)

(– Quantos é que morreram, pergunta ela.)

Nunca morreu ninguém!

(– Já disse que me vou embora, diz ele.)

(– Quantos é que morreram, pergunta ela.)

NUNCA MORREU NINGUÉM!

E, se tivesse morrido alguém, eu tinha madeira suficiente para lhe fazer um caixão. Cortava esta tábuia por aqui. Usava esta, para fazer de tampa. Havia pregos suficientes para as dobradiças. Mas eu nunca fiz caixões. Gosto que as pessoas morram longe de mim.

(– Eu sei, diz ela.)

Gosto.

(– Eu sei que gostas, diz ela.)

(– Por favor, suplica ele. Só mais uma vez, pede ele, só mais uma vez.)

É por higiene. A primeira coisa que me ensinaram ao nascer – e a única coisa importante que aprendi – foi a tomar conta da merda.

O betão seca, o plástico esconde, o papel suja, o alcatrão cobre, o metal enferruja, o fio desfaz-se, o vidro quebra-se, o couro apodrece, o petróleo escurece, mas a merda... A merda fertiliza.

(– És um filósofo da merda, diz ela.)

(Ri-se ele.)

(– Obs-construção-trução, diz outro.)

Tenho saudades dos meus amigos.

(– Tu nunca tiveste amigos, diz ela.

– Tu disseste que eu tive um grande amigo, respondo eu.

– Tu disseste que não me ouvias, diz ela.

Eu não respondo, porque continuo sem a ouvir.)

(– Só mais um dia, diz ele. Só mais um dia.)

Esta moldura foi feita para o desenho a carvão de um amigo meu. Fez um grande desenho a carvão de mim, cheio de riscos grossos e escuros e gretas de branco. Eu gostei muito do desenho e fiz – com as minhas próprias mãos fiz – uma moldura para esse desenho do meu amigo. Depois ele quis vender-me o desenho. E eu disse que não podia comprar um desenho de mim, um desenho que era eu. E ele disse que era um desenho que só era valioso para mim, que não havia mais ninguém no mundo que pudesse ou quisesse ter aquele desenho. E eu decidi que nem eu queria ter aquele desenho. E depois ele vendeu o meu desenho a outra pessoa. Há outra pessoa no mundo – que eu não conheço, que não sei quem é – que me tem. O desenho que sou eu. E essa pessoa talvez despreze o desenho – talvez se reúna com os seus amigos para se rir em quem inspirou o desenho. Ou talvez o ache pitoresco. Talvez ache que representa algo exótico e inofensivo. E eu tenho saudades de ter morto o meu amigo.

(– E não o mataste?, pergunta ela. Eu não respondo, não respondo porque não ouvi.)

(– De-instrução-vo, diz outro.)

(– Adeus, diz ele. Adeus, repete.)

Se me tivesse posto atrás da moldura, seria o meu próprio desenho. O meu desenho mais fiel, mais parecido comigo e com a minha vida. Mas se eu me colocasse atrás da moldura, não podia ver o meu desenho. E eu não gosto de desenhos meus que não possa ver.

Os carrocéis giram, as crianças brincam, os adultos olham, a música toca, os desenhos criam-se, as obras fazem-se, os carros andam, os dias passam, as solas gastam-se, o ar acaba-se e eu... eu não saio daqui.

Esta foi a minha primeira cadeira. Foi o meu pai que me pôs nesta cadeira um dia. E nesse dia descobri para que é que servia o cu. Ele pegava em mim, que cabia todo numa das suas mãos cheias de rugas e veias, e pousava-me aqui, como se num pedestal. E eu ficava sentado, e ele de pé a olhar para mim. Primeiro, não sabia o que ele queria que eu fizesse. Depois, quando percebi, ficávamos os dois à espera que eu o fizesse. E nunca mais me senti tão perto – tão acompanhado – tão amado por alguém. Não há maior amor do que o de alguém que deseja ver a nossa merda. Foi também com o meu pai que aprendi que as últimas palavras de um homem que morre não são as que lhe saem da boca, são as que lhe saem do cu. Era carpinteiro, o meu pai.

(– Era carpinteiro o teu pai, diz ela.)

Sim, era carpinteiro o meu pai.

(– Carpinteiro, diz ela, num tom de ironia que me recuso a ouvir.)

Era carpinteiro, o meu pai. Tal como eu sou carpinteiro.

(– Sim, tu és carpinteiro, diz ela depressa, antes que eu a cale; como o teu pai, acrescenta.)

Carpinteiro, como o meu pai. E estes são os alicerces da minha obra.

(– Diz qual é, apressa-se ela. Mas não sei o que ela quer que eu diga.

– Sabes, diz ela.

– Não sei, digo eu.

– Não queres dizer, acusa ela.

– Como é que quero não dizer alguma coisa que não sei o que é, respondo eu.

– Agora já falas comigo, diz ela. Já me ouves, já te preocupas em responder-me, acusa ela. E eu penso que sou demasiado generoso para com os meus fantasmas: deixo-os falar mesmo quando já não têm boca.

– Eu não estou morta, diz ela. Ainda tenho boca, diz ela.)

Isso julgas tu, minha querida, penso, mas não o digo para não a magoar.

(– Eu oiço os teus pensamentos, diz ela. É neles que estou, acredita ela.)

Isso eu já não oiço. Um homem tem demasiados pensamentos para os conseguir escutar a todos.

(– Sus-grotesco-surro, diz outro. Dur-matança-ante.)

A madeira racha, a pedra lasca, o metal enferruja, o tecido rompe, a carne sangra, o osso parte, a força perde-se, a energia acaba-se, a vida esvai-se, mas a morte... a morte é para sempre.

(– Cala-te, grita ela. Queres torturar-me?, pergunta ela. Queres fazer-me ainda mais mal do o que vais fazer, acusa ela. Eu não oiço: os martelos batem nos pregos e as cordas fazem ranger a madeira.

- Porque é que tens de fazer isto, pergunta ela. Porque é que não podes voltar para os teus carroceiros, pede ela. Lembra-te do teu pai, suplica ela.
- O meu pai era carpinteiro como eu, digo, sem a ouvir.
- Não era bem carpinteiro como tu, acusa ela.
- Levantava construções em madeira, como eu, grito. Toda a gente que constrói em madeira é carpinteiro, insisto. Toda a gente que mata árvores para esculpir é carpinteiro, afirmo.
- Não te zangues comigo, implora ela. Não vale a pena zangarmo-nos com os mortos, diz ela, e chora. Dá-me só um momento para me sentir viva, para sentir as palavras que ainda nascem de mim. Eu calo-me. Eu estou calado. Eu não digo nada. Eu estou em silêncio. Ela diz:
- Não te zangues comigo, por favor. Eu não tenho culpa. Ninguém tem culpa, afirma ela.
- Quem construiu a Tebas de mil portas, grito eu.
- Tu fizeste-me esta moldura enorme, à espera que um dia eu a preenchesse e eu não consegui, diz ela.
- Quem lhe levantou as escoras, lhe construiu os andaimes, lhe aplainou as vigas, lhe mediu as traves, grito eu.
- Não consigo acreditar que este tremor de vida que nos é dado sirva para preencher um buraco na terra, diz ela.
- Quem lhe reforçou as portas, lhe fez as trancas, lhe abriu as ranhuras, grito eu.
- Sou tão pequena, e insistes em não me escutar, em esconder-me atrás dos teus pensamentos. E podes viver assim, diz ela.
- Quem é que lhe abriu os alçapões, lhe suspendeu os maticões e lhe levantou as forcas, grito eu.
- Não foste tu, grita ela.
- As palavras calam-se, os olhos fecham-se, grito eu.
- Para quê?, grita ela.
- Os lábios selam-se, os punhos cerram-se, grito eu.
- Não adianta, grita ela.
- Os pés cansam-se, a cabeça pende, grito eu.
- Para conseguir o quê, grita ela.
- A candeia apaga-se, o dia termina, grito eu.
- Por isso mesmo, grita ela.
- O corpo cede, a terra abre-se, grito eu.
- Tem de haver outra maneira, murmura ela.
- Só Tebas, a Tebas de mil portas dura para sempre, murmuro eu.)

Não a oiço mais. Calou-se. Caiu o silêncio. Não sei se a voltarei a ouvir outra vez.

(– Gan-húngaro-grena, diz outro. Ru-luto-goso. Gel-flamejante-ído. Mor-fel-simpatia-tro-ído. Car-hós-triagem-tia-fi-bata-homem-lha-cina. Hor-man-fa-me-do-tal-so-ror. Roí-ruir-do. Roí-ruir-do. Roí-ruir-do.)

(– Sou eu outra vez, diz ele.)

FIM



centro de
dramaturgia
contemporânea